

## «AMEI-TE COM UM AMOR ETERNO: POR ISSO CONTINUO A SER-TE FIEL» (Jer 31,3)

### Lição

#### Padre Fabio

Bom dia, espero que todos bem acordados! Espero que tenham recomposto e descansado adequadamente os vossos membros cansados! Depois da viagem de ontem, depois da introdução com a Missa em *Coena Domini*, hoje espera-nos outra viagem, outra etapa do caminho. O dia desenrolar-se-á em duas partes: manhã e tarde. Agora haverá a meditação, a lição, sobre o encontro entre Jesus e a Samaritana,<sup>1</sup> em três atos. Por sua vez, à tarde, veremos e contemplaremos como aquele Amor fiel e eterno se tornou presente no tempo, na história, subindo à cruz, «até à cruz!»,<sup>2</sup> por amor a cada um de nós: tem sede da nossa salvação! Conservemos então como pano de fundo, durante todo o dia, a frase de convite de Gius, reproposta no vídeo de entrada no salão feito por alguns de vocês, que dizia: «“Que interesse tenho eu – acrescentava – em dizer-vos isto? Um só: a paixão pela vossa felicidade, como tenho paixão pela minha. Não vos conheço, mas amo-vos como a mim mesmo”». Esta é a nova humanidade que deve expandir-se pelo mundo inteiro através de cada um de nós. Temos que levar a toda a parte esta nova humanidade que permite ao homem amar o homem».<sup>3</sup> Sou amado por um Amor eterno, sou esperado, “batem-me à porta” e sou esperado, e quanto mais me descubro amado, mais começo a amar os que estão ao meu lado.<sup>4</sup> «Não é verdade que se ame se não se ama o destino do outro. Mentas quando dizes à tua noiva “Amo-te” se não desejas que o seu destino se cumpra».<sup>5</sup> Muitos contributos centraram-se precisamente neste interesse, por exemplo: «Na carta de convite para o Tríduo deste ano, chamou-me a atenção a segunda citação de Giussani, na qual ele defende que, afirmando o destino da namorada ou do namorado, do estudo, da relação com os pais e com os colegas, se alcança uma humanidade nova, mais pura, mais humana. Eu quero que isso aconteça, quero afirmar o destino das pessoas de quem gosto, quero a humanidade nova de que fala Giussani. Mas preciso de perceber bem o que ele quer dizer». Ou ainda: «Chego ao Tríduo com muitas perguntas. O que é que significa querer o bem do outro, afirmar o seu destino? Muitas vezes parece-me um conceito distante e quase “passivo”. O que é que significa amar o seu mistério sem ter a tentação de o mudar? Ter a peito o seu bem? Sinto a necessidade de amar os meus amigos e familiares de uma forma pura e verdadeira, confiando-me mais Àquele que os criou e amou com um amor eterno».

«Desejo que aconteça», «desejo afirmar o destino das pessoas de quem gosto», mas – lembrem-se da carta de ontem à noite? – “se ao menos eu O conhecesse”... mas “eu não O conheço!”. Para “afirmar o destino”, temos de começar por O conhecer! Por isso, para O conhecer, antes de mais, temos de perceber que somos filhos de uma tradição! Nascemos em 2006, 2007, 2008, mas temos atrás de nós uma tradição riquíssima, dois mil anos de história da Igreja, dois mil anos de reflexão teológica, de produção artística, literária e filosófica, dois mil anos de história de santidade, de Evangelho vivido, pensado e transmitido: S. João, S. Marcos, S. Lucas e S. Mateus foram os primeiros a pôr por escrito, numa fonte histórica fiável, aquilo que os seus »

<sup>1</sup> Cf. Jo 4,5-42.

<sup>2</sup> A. Anastasio, *Se tu sapessi*.

<sup>3</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, p. 71.

<sup>4</sup> «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro» (1Jo 4,19).

<sup>5</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 71.

» olhos viram, os seus ouvidos ouviram, a sua cabeça entendeu, o seu coração captou, para que as gerações seguintes (isto é, nós!) pudessem conhecer os verdadeiros traços do rosto de Deus revelado em Cristo Jesus, filho de Maria e de José, o carpinteiro, e reconhecê-lo com certeza no presente: não somos “visionários”, podemos reconhecer a presença de Cristo vivo e atuante no presente!<sup>6</sup>

Agora, deixemo-nos surpreender pelo encontro entre Jesus e a samaritana, de tal modo que o acontecimento que estamos a viver hoje reencontre os traços do acontecimento de ontem, que continua a repetir-se ao longo da história. Há uma continuidade: há dois mil anos, Deus tornou-se presente através de um homem, Jesus (verdadeiro homem e verdadeiro Deus), hoje faz-se presente através do seu corpo que é a Igreja<sup>7</sup> (realidade divino-humana), através do corpo que é a companhia de CL, e para nós, dos Liceus. Não podemos fazer jejum do Evangelho. Um padre da Igreja, S. Jerónimo, dizia “*ignoratio Scripturarum ignoratio Christi est*”: a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo... leiamos o Evangelho! Como é que podemos amar Alguém se não O conhecemos?

### 1. Um encontro inesperado e imprevisível

Aprofundamos o encontro, o diálogo, entre Jesus e a samaritana,<sup>8</sup> tentando identificar-nos com o que aconteceu, tentando entrar com a nossa cabeça e o nosso coração, com a nossa alma, com toda a nossa sede de sermos amados, na alma daquela mulher. “Deslocamo-nos”, então, para aquela estrada poeirenta e não pavimentada da Palestina, que liga a Judeia, no sul, onde se encontram Belém e Jerusalém, à Galileia, no norte, onde se encontram Cafarnaum, Caná, Nazaré, só para dar uma ideia! O acontecimento tem lugar numa cidade muito específica da Samaria, Sicar, onde os peregrinos podiam descansar durante a noite, refrescar-se um pouco, fazer algumas provisões e depois continuar o seu caminho; os discípulos, de facto, nesse momento, estão na aldeia a comprar comida, enquanto Jesus, cansado, está sentado junto ao famoso poço de Jacob. O evangelista João, como sempre muito preciso, avisa-nos de que «era por volta do meio-dia»,<sup>9</sup> quando o sol está no seu máximo esplendor; portanto, o calor é real e extenuante. Mas porque é que a samaritana decide sair de casa com um cântaro, não tão leve assim, precisamente a essa hora? É um pouco estranho, não é? De facto, normalmente, toda a gente vai ao poço de manhã cedo, quando o sol ainda está “tépido”, ou ao fim da tarde, quando o tempo está mais fresco. Além disso, alguns exegetas concordam que havia outros poços, mais próximos, aos quais a samaritana podia ir,<sup>10</sup> aquele era o mais afastado; por isso, podemos razoavelmente supor que ela queria mesmo evitar encontrar pessoas, como alguns de vocês dizem, “ela gostava de estar na sua”. O Senhor, porém, surpreende sempre e, mesmo quando nos afastamos, Ele arranja maneira de nos encontrar pelo caminho! Ela, como sempre, procura evitar as pessoas, “dribla-as”, mas naquela manhã, num dia como outro qualquer, na banalidade das tarefas habituais, é surpreendida pela presença de um homem que, pelo contrário, não a evita, aliás, está ali precisamente para ela! É o que acontece também na nossa vida: tudo se joga nos encontros. Talvez andemos um pouco fechados nas nossas conchas, “absortos”, mas certos encontros acontecem, encontramos-os mesmo à nossa frente, alguém que nos procura, »

<sup>6</sup> «Não é uma comemoração nossa. É a presença de Cristo, a nossa vida, que deve ser reconhecida. Não é uma comemoração que fazemos, mas é uma Presença que devemos reconhecer. Isto é a fé: reconhecer uma Presença, e basta; reconhecer uma Presença que é o significado do sangue que circula, da criança que se dá à luz, do marido ou da mulher que se tem. Fé é reconhecer um acontecimento que se repete de cada vez que pensamos nele» (L. Giussani, «Fede è riconoscere una presenza», *Tracce*, n.º 11/2000, p. III).

<sup>7</sup> «A funcionalidade da Igreja no cenário do mundo já está implícita na sua consciência de ser o prolongamento de Cristo: é, pois, a própria funcionalidade de Jesus» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 187).

<sup>8</sup> R. Schnackenburg, *Il Vangelo di Giovanni*, Paideia Editrice, Brescia, 1973, pp. 630-678.

<sup>9</sup> Jo 4,6.

<sup>10</sup> R. Schnackenburg, *Il Vangelo di Giovanni*, op. cit., p. 634.

» que se interessa por nós, que nos convida! Como dizia a carta de ontem à noite: «Abri a porta da assembleia dos Liceus e estava lá... o Seve a falar!»! De manhã, a samaritana não sabia o que lhe ia acontecer.<sup>11</sup> Sabia que iria repetir as ações de todos os dias: acordar, escola, perguntas, trabalhos de casa, desporto. Não sabia que nesse dia, ao ir buscar água, descobriria outra coisa. Dá por si em frente a uma pessoa que olha para ela, fala com ela e lhe diz: «Dá-me de beber!».

A samaritana, talvez entre o incómodo e a surpresa (talvez um pouco como quando nos encontramos numa situação em que não queremos estar, damos um meio sorriso, mas na verdade gostaríamos de estar noutra lugar!), fica surpreendida, pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, porque, dada a sua reputação, que a leva a ir ao poço a uma hora pouco habitual e a ir ao mais afastado, fica espantada por um homem lhe dirigir a palavra; em segundo lugar, porque é judeu: havia então uma má relação entre samaritanos e judeus, por razões que vos pouparei agora! Assim, um pouco “fora de pé”, a samaritana responde a Jesus: mas «como é que tu, que és judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?». Jesus tem sede e relança imediatamente o diálogo: «Se tu conhecesses – se tu soubesses! – o dom de Deus!» – e diz isto dirigindo-se a cada um de nós, a quem enviou o contributo de ontem à noite descrevendo o tédio experimentado na droga, no álcool – se tu conhecesses o dom de Deus, a promessa certa contida neste dom, «se tu conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz “dá-me de beber!” , serias tu que lhe pedirias a Ele e Ele ter-te-ia dado água viva». Tantas vezes isto acontece também connosco, cada um de nós pode “enumerar” os jarros utilizados para tirar água de poços que não saciam a nossa sede e dizem “mais além”!<sup>12</sup> Portanto, neste ponto do diálogo, podemos já dizer com certeza que ambos, neste encontro – a samaritana e Jesus – têm sede e, com o passar do tempo, tornar-se-á cada vez mais claro qual é a sede de Um e qual é a sede da outra. Don Giussani, em 1998, convidado pelo Papa para um encontro no Vaticano com todos os responsáveis de Associações e Movimentos eclesiais, dizia assim: «O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem, e o coração do homem mendicante de Cristo».<sup>13</sup> Ambos – dizíamos – têm sede: Cristo tinha sede da felicidade, da salvação, mendigava o coração e a fé da samaritana, e ela estava prestes a descobrir Aquele que verdadeiramente saciaria a sua sede de felicidade, de salvação, de amor!<sup>14</sup> Que emoção descobrir e reconhecer Deus não como o “motor principal”, ou o “motor imóvel”, mas como Aquele que é amor, Aquele que te ama, que veio à tua procura, »

<sup>11</sup> «Se a samaritana, em vez de ir buscar água meia hora antes, tivesse ido meia hora depois, não o teria visto! Se, apercebendo-se de que ele era judeu, não lhe tivesse falado por arrogância, se não lhe tivesse respondido, dizendo-lhe: “Vai para a tua terra!” , não teria tido aquele encontro: uma contingência, uma circunstância, a fragilidade absoluta, o efêmero que não é nada, como todo o pensamento humano decide que é, de tão frágil que é. Mas, precisamente através desse contingente, o eterno, o consistente, o ser, o sentido, aquilo que vale a pena, enfim, o objeto para o qual a razão é feita, para o qual a consciência é feita, para o qual o eu é feito, torna-se presente. O consistente, o permanente, a totalidade é um homem! É através de uma realidade contingente, é através de uma humanidade contingente, tão contingente que às vezes vos pode fazer vomitar, semelhante a vós, que este homem vos chega agora» (L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*, BUR, Milão 2009, p. 427).

<sup>12</sup> «A efêmera aparência urge a uma relação com o infinito. “Infinito”: inalcançável, realidade na medida em que é inalcançável pela medida do homem, pela capacidade de medida que há em mim. Mas, então, porque é que falo dele? Porque diante de qualquer encontro, em qualquer encontro – qualquer que ele seja, de que natureza for – eu corro cada metro para surpreender os seus fatores: mas quando já dei a volta toda, por assim dizer, sinto, percebo, embato numa insatisfação que diz: “Mais além!”. Montale exprime-o bem numa das suas poesias». (L. Giussani, *Il rischio educativo come creazione di personalità e di storia: un tentativo di verifica*, supl. a *Litterae Communionis-Tracce*, n. 5/1996, pp. 14-15).

<sup>13</sup> «Testemunho de don Luigi Giussani durante o encontro do Santo Padre João Paulo II com os movimentos eclesiais e as novas comunidades», Praça de São Pedro, Roma, 30 de maio de 1998, in L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, pp. 7-11 (aqui p. 11).

<sup>14</sup> «A sede natural que nunca passa / se não com água onde a mulherzita / samaritana foi pedir a graça» (Dante Alighieri, *Divina Comédia, Purgatório*, XXI, vv. 1-3); «Desde a aurora Vos procuro. / A minha alma tem sede de Vós. / Por Vós suspiro como terra árida, sequiosa, sem água». (Salmo 62, *Livro da Horas*, Lisboa 2003, p. 73).

» que te ama pessoalmente, que tem sede do teu “eis-me aqui”, tem sede do teu “sim”, tal como tinha sede naquela manhã junto àquele poço!<sup>15</sup>

Mas a samaritana, mais uma vez – e nós com ela – parece não perceber totalmente e responde a Jesus: «Não tens balde e o poço é fundo, de onde tiras então essa água viva?». O olhar da samaritana está ainda um pouco fixo apenas na realidade material, está “doente” de positivismo: a realidade é apenas o que ela vê, ouve e toca, o resto não existe. E insiste: «Por acaso és maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço e dele bebeu com os seus filhos e o seu gado?». Ou seja, a única realidade crua que existe seria aquele poço à frente deles e que nunca saciou a sua sede. Assim, a sua pergunta poderia ser formulada por outras palavras: «Achas que me iludes dizendo-me que há outra realidade, outro caminho, que há um dom diferente? Para mim, até agora, a vida foi sempre assim: a aspereza da existência na reta da vida e a religião dos Padres na outra reta»... e “não saímos disto”, continuamos a ter sede! Como dizíamos ontem à noite: duas linhas paralelas que não coincidem, que nunca se encontram!

Jesus volta a levantar a questão e diz: «Quem beber desta água [do poço] voltará a ter sede; mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna». Aqui, a samaritana fica – penso eu – perplexa e espantada com a força desta afirmação, como se pensasse para si mesma: «A água que vou receber não só é “viva” e já não me dará sede, como também começará a correr em mim, a fluir através de mim, a jorrar de mim... de que água estás a falar, que tipo de água me queres “vender”?!». A samaritana talvez sofra de uma mentalidade “comercial-utilitarista”, de facto diz: «Senhor – diz-lhe a mulher – dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede e não continue a vir aqui buscar água», como se dissesse: «Bem, se este produto me mata a sede, vende-mo, eu compro-o, para me poupar ao trabalho de vir sempre ao poço e fico bem!», algures entre o comercial, o mágico e o cómodo: «Tu vendes-me/eu compro, e zero esforço!». Isto pode acontecer-nos também a nós: em vez de entrarmos numa relação com Deus, em vez de entrarmos e descobirmos a relação com Jesus e a sua Igreja, tentamos fugir ao acionar da nossa liberdade, da nossa razão, que são sempre chamadas!

## 2. A minha alma tem sede de Ti

Nesse momento, Jesus vai direto ao assunto, ao cerne da questão, e diz-lhe: «Vai buscar o teu marido e volta aqui»; e ela, talvez um pouco envergonhada, confessa a Jesus: «Não tenho marido». Jesus responde-lhe: «Disseste bem: “Não tenho marido”. De facto, tiveste cinco maridos e o que tens agora não é teu marido; nisto disseste a verdade». Percebemos, assim, porque é que a sua “fama” a levava a evitar as pessoas. Tentemos então, por um momento, entrar no coração daquela mulher que, naqueles cinco maridos, tinha tentado – julgo eu – saciar a sua sede, tinha tentado mendigar um pouco de amor, um amor correspondido! Tentemos saborear a amargura, a desilusão, o ceticismo daquela mulher que, provavelmente, já não esperava nada de bom da vida; muito provavelmente, o seu coração estava como que ressequido, endurecido, talvez tivesse dentro de si um cinismo ou uma resignação que lhe tinha entrado no coração »

<sup>15</sup> «Certamente a ideia de uma criação existe também alhures, mas só aqui aparece perfeitamente claro que não um deus qualquer, mas o único Deus verdadeiro, Ele mesmo, é o autor de toda a realidade; esta provém da força da Sua Palavra criadora. Isto significa que esta sua criatura Lhe é querida, precisamente porque foi desejada por Ele mesmo, foi «feita» por Ele. E assim aparece agora o segundo elemento importante: este Deus ama o homem. A força divina que Aristóteles, no auge da filosofia grega, procurou individuar mediante a reflexão é, certamente para cada ser objeto do desejo e do amor – como realidade amada, esta divindade move o mundo –, mas ela mesma não necessita de nada e não ama, é somente amada. Ao contrário, o Deus único em que Israel crês, ama pessoalmente. Além disso, o seu amor é um amor de eleição: entre todos os povos, escolhe Israel e ama-o – mas com a finalidade de curar, precisamente deste modo, a humanidade inteira. Ele ama, e este seu amor pode ser qualificado sem dúvida como *eros*, que no entanto é totalmente *ágape* também». (Bento XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, n. 9).

» e nas veias, de marido em marido, de homem em homem. Tinha procurado um amor único, indissolúvel, exclusivo, definitivo, para sempre! E encontrava-se ali, diante do poço, ainda com sede. Nunca tinha encontrado um amor infinito que pudesse corresponder àquela sua sede infinita.<sup>16</sup> A nossa natureza humana impele-nos para um além que parece nunca poder ser alcançado!<sup>17</sup>

Quem sabe o que tinha acontecido com aqueles homens: porquê tantos? Porque é que “se tinham ligado e deixado”? Não devem ter sido certamente casos felizes... Há uma canção, cantada pela Mia Martini, que diz: «Não sei que sorriso tem o verdadeiro amor».<sup>18</sup> Pensemos no drama dilacerante que é viver sem amor (durante uma vida inteira!) ou com a angústia de que, mais cedo ou mais tarde, ele vai acabar! Dizia no início, para não esquecermos a frase de Gius: «Não é verdade que se ame se não se ama o destino do outro. Mentas quando dizes à tua noiva: “Amo-te” se não desejas que o seu destino se cumpra!». Quem sabe qual daqueles homens terá olhado para ela e a terá tratado de acordo com o seu destino, e quem sabe, mesmo entre nós, como nos podemos tratar... ? Pode haver, mesmo entre nós, uma forma redutora de estarmos juntos, talvez usando-nos mutuamente, em vez de querermos aprender a amar o outro, afirmando o destino de cada um. Com muita delicadeza, leio estas linhas que podem ser úteis: «Era um sofrimento para os dois. Continuámos a fazer certas coisas. Estávamos ambos a sofrer. Havia um sentimento de culpa, que depois enlatávamos e púnhamos de lado. Usámo-nos um ao outro. Que tristeza, *mamma mia!* Acabávamos sempre por fazer isso. Era um uso que fazia esquecer momentaneamente a realidade e afastava os pensamentos. Mas o cansaço no meu coração era enorme! [...] Tínhamos consciência de que nos estávamos a tratar mal e que não podia continuar assim, mas não queríamos enfrentar a situação. [...] Olho para as fotografias da minha cara nessa altura: estava de rastos. Não sei como é que vivi assim durante tanto tempo. Agora apercebo-me de que quero compreender o significado de certos gestos». Vejamos, então, como é relevante o que lemos em *O Sentido Religioso* há algumas semanas: «Geralmente, tudo é encarado de acordo com a mentalidade comum, uma mentalidade sustentada, propagandada por quem, na sociedade, detém o poder. Deste modo, a tradição familiar ou a do contexto, mais vasto, em que crescemos, sedimenta-se sobre as nossas exigências originais e constitui uma espécie de crosta que altera a evidência daqueles significados primeiros [...]. A maneira de conceber a relação entre o homem e a mulher, por exemplo, embora vivida como facto íntimo e pessoal, é na realidade amplamente determinada, quer pela nossa instintividade, que provoca avaliações em nada concordes com a exigência original do afeto, quer pela imagem do amor que se foi criando na opinião pública. Importa perfurar estas imagens induzidas pelo clima cultural em que estamos mergulhados, tomar posse das nossas exigências e evidências originais e, com base nelas, julgar e avaliar cada proposta, cada sugestão existencial. O uso da experiência elementar, ou do nosso próprio “coração”, é, portanto, impopular, sobretudo para nós mesmos, visto que é justamente esse “coração” a origem do indefinível mal-estar que nos domina, quando, por exemplo, somos tratados como objeto de interesse ou de prazer».<sup>19</sup> Que »

<sup>16</sup> Ele, o Filho de Deus, Jesus Cristo, disse: “Tive fome e destes-me de comer, estava nu e vestistes-me, não tinha casa e destes-me um teto”. A fome não é apenas uma fome de pão, é uma fome de amor, é uma fome do amor de Deus; estar nu não é apenas não ter roupa, estar nu é não ter esse dom enorme que é a dignidade do homem, da pureza; não ter uma casa não é não ter um edifício de tijolo, é não ser desejado, não ser amado» (Testemunho de Madre Teresa de Calcutá, Meeting de Rimini, 29 de agosto de 1987, [meetingrimini.org](http://meetingrimini.org)).

<sup>17</sup> «Não em vão Leopardi exclamou: “Ó natureza, ó natureza, [...] / Porque tanto / enganas os filhos teus?”. Mas trata-se de uma explosão de amargura, de tristeza existencial. Não pode ser posta como princípio de uma posição filosófica; todo o nosso ser se rebela diante de tal consequência. É certo que a Natureza poderia revelar-se irremediavelmente contraditória; mas, antes de chegar a tal conclusão, é razoável procurar outra solução. É precisamente aquela para que caminhamos» (L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 52).

<sup>18</sup> Mia Martini, *Minuetto*, 1973, © Dischi Ricordi.

<sup>19</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 31.

» dor o facto de nos reduzirmos a tratar-nos instintivamente, a usar-nos como objetos, a pegar e largar à vontade, sem alma!

Este ponto – cada um de nós tem sede de amor e só a relação com o Mistério a sacia! – é decisivo tanto para olharmos para o modo como tratamos os nossos amigos, como para olharmos para o modo como vivemos as nossas relações afetivas: que dor sermos reduzidos, deixarmos de ser um mistério diante do qual nos maravilharmos, contemplarmos, um mistério para amar e acarinhar! O outro “é nosso - mas não é nosso”! Espero que tenham lido o artigo de Seve de novembro passado no «La Repubblica», que ajuda a focar o que está em jogo na relação entre o homem e a mulher. Depois voltarão a ele, mas agora cito apenas uma das suas frases: «A pessoa amada é “sinal”, não pode responder de forma exaustiva ao desejo infinito de ser amado presente no coração humano».<sup>20</sup> O Papa falou explicitamente sobre isto durante uma recente audiência das quartas-feiras, no passado mês de janeiro: «Esta dimensão tão bonita da nossa humanidade, a dimensão sexual, a dimensão do amor, não está isenta de perigos» porque pode ser desfigurada «pelo demónio da luxúria»: é um amor «em que faltou a castidade», ou seja, «a vontade de nunca possuir o outro. Amar é respeitar o outro, procurar a sua felicidade». O dar-se totalmente um ao outro no matrimónio, «o prazer sexual, um dom de Deus, é minado pela pornografia: satisfação sem relação, que pode gerar formas de dependência. Devemos defender o amor, o amor do coração, da mente, do corpo, o amor puro na entrega de si mesmo ao outro». E esta é a beleza da relação conjugal, «esta é a beleza da relação sexual». «Vencer a batalha contra a luxúria, contra a “coisificação” [de si e] do outro pode ser um empreendimento para toda a vida».<sup>21</sup> Havia uma cena numa série de televisão em que um rapaz tentava persuadir a rapariga dizendo-lhe algumas frases muito na moda: «Toda a gente o faz, se nos amamos... qual é o problema?». Em vez disso, é exatamente o contrário: precisamente porque nos amamos, aprendemos a esperar, a compreender o significado de certos gestos, a amarmo-nos com verdade, de acordo com o destino! Porque aquela pessoa não é tua, não é o teu brinquedo, é de Outro, é de Deus, é de Cristo, é relação com Cristo, e enquanto isto não for claro, até o estar juntos sofre, não sem consequências!<sup>22</sup> Precisamente: «É uma mentira amar se não se ama o destino do outro. É uma mentira dizer à namorada: “Amo-te”, se não desejas que o destino da tua namorada se afirme». As duas canções que vamos ouvir ajudam-nos a aprofundar um olhar sobre o outro como aquele que Jesus dirigiu à samaritana, um olhar que se torna possível de viver entre nós. O que significa, de facto, dizer ao outro: «Amo-te»? Significa dizer-lhe: «Quero o teu bem». Mas o bem, o destino, é Cristo. Por isso, dizer ao outro: «Quero o teu bem», »

<sup>20</sup> M. Severgnini, “Violence against women, why trust in the other is important”, *La Repubblica*, 28 de novembro de 2023.

<sup>21</sup> «Esta dimensão tão bonita da nossa humanidade, a dimensão sexual, a dimensão do amor, não está isenta de perigos, de tal modo que já São Paulo deve abordar esta questão na Primeira Carta aos Coríntios. Assim escreve: “De todas as partes ouvimos falar de imoralidade entre vós, de uma imoralidade essa que não se encontra nem sequer entre os gentios” (5,1). A repreensão do Apóstolo diz respeito precisamente a uma gestão malsã da sexualidade por parte de certos cristãos» (Francisco, *Audiência geral*, 17 de janeiro de 2024). «Num documento preparado por trezentos jovens de todo o mundo antes do Sínodo, indicava-se que “as relações *online* podem tornar-se desumanas. Os espaços digitais não nos deixam ver a vulnerabilidade do outro e dificultam a reflexão pessoal. Problemas como a pornografia distorcem a perceção que o jovem tem da sexualidade humana. A tecnologia usada desta maneira cria uma realidade paralela ilusória que ignora a dignidade humana» (Francisco, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, n. 90).

<sup>22</sup> «Sem sacrifício, não pode haver verdade numa relação (...). Pensem, por exemplo quando se sentem afetivamente ligados a uma pessoa: é mentira sobre mentira, se isso não for continuamente controlado pelo sacrifício. Sem sacrifício não há relação verdadeira, o que quer dizer que o outro – objeto ou pessoa – não é valorizado segundo a sua natureza (pelo contrário, inverte-se o sentido da natureza), é afirmado segundo o teu gosto, o teu instinto, porque quer açambarcar como o avarento açambarca o dinheiro. Que tretas! “Porque *gosto*”, acho que é a palavra mais normal para a mentira... Ao fim ao cabo, um pretexto. Identificamos afirmar uma coisa com agarrá-la. Afirmar uma coisa é amor, é afirmar o outro. Agarrá-la quer dizer vergá-la a nós, torná-la escrava» (L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. III, Caridade*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 77).

» significa querer que ele encontre Cristo, significa ter no coração que ele encontre Cristo e ser nisso a ajuda e o apoio um do outro, para nos acompanharmos até ao Paraíso, até Ele.<sup>23</sup> Cristo salva-me e salva o outro, para a eternidade.<sup>24</sup> Então, posso dar-te tudo de mim, todo o meu ser, alma e corpo, depois de termos dito «sim» diante do altar, diante de Deus e dos homens.<sup>25</sup> Quando digo: «Aceito-te como meu esposo, prometo ser-te fiel sempre, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, e amar-te e honrar-te todos os dias da minha vida», quando há uma doação total na vida, então, esse gesto total torna-se expressão dessa doação total, antes é como que uma mentira, no sentido de que esse gesto, que exprime uma totalidade de amor e de doação, na vida ainda não está realizado e vivido entre os dois.<sup>26</sup> As duas canções que referíamos, uma é *Amica del mistero*: pensem como Adriana Mascagni tinha percebido que a “definição” mais adequada de si mesma era ser «amiga do mistério», como o nosso olhar muda se nos reconhecemos a nós e aos outros como «amigos do Mistério», de Outro; então nasce daí uma “veneração”. E a segunda é cantada pela Mina, *Ma come hai fatto*, que exprime esta explosão ao dizer «amo-te!», ou seja, «quero o teu bem!».

### 3. A fé é o reconhecimento da presença de Cristo

Nós, tal como a samaritana, podemos por vezes tropeçar neste equívoco, o de confundir e de pretender que é a companhia que responde de forma exaustiva à nossa sede, que é o “sinal” que responde de forma exaustiva. Ficamos como que esgotados com esta dinâmica: «Eu queria ser amada, amado, de uma certa maneira, procurado de uma certa maneira, e isso não acontece da maneira como eu queria». Talvez também nos aconteça assim, mas, sinceramente, falta-nos realismo, porque é como se pretendêssemos que um “raggio” [raio] fosse o “sol”, é como se exigíssemos do homem o que só Deus nos pode dar, porque a nossa sede infinita só pode ser saciada pelo Infinito. *Don Gius* corrigia alguns amigos, há alguns anos, dizendo-lhes: «Toda a gente fala de companhia [...] parece [...] que colocamos a nossa esperança na companhia [...] »

<sup>23</sup> «Estas coisas que vos disse agora têm de ser descobertas, têm de ser percebidas, se quisermos libertar-nos da mentalidade dominante, se quisermos ser homens que chamam as coisas pelo nome, com o coração e a consciência. Caso contrário, será uma impostura dizer: “Amo-te!”, porque dizer a uma mulher ou a um homem: “Amo-te!” será para todos vós repetir o mecanismo estabelecido pelo poder através dos seus instrumentos, não será uma coisa vossa, mas sofrida acreditando que é vossa, não será liberdade» (L. Giussani, *Uomini senza patria. 1982-1983*, BUR, Milão 2008, pp. 377-378).

<sup>24</sup> «Recomendo-vos uma só coisa: como tudo é dado por Cristo e como Cristo é a origem de tudo o que se pode fazer em relação às aberturas que se escancaram, amemos Jesus Cristo. Não amamos a mulher, não amamos os filhos, se não por Cristo. Obrigado a vocês, que apostam nisso a vossa vida, de resto, como eu» («Don Giussani. Assembleia responsabili di CL. 5 febbraio 2002», *Tracce*, n.º 2/2002, p. 95).

<sup>25</sup> «É necessário preparar-se para o matrimónio; isto requer educar-se a si mesmo, desenvolver as melhores virtudes, sobretudo o amor, a paciência, a capacidade de diálogo e de serviço. Implica também educar a própria sexualidade, para que seja sempre menos um instrumento para usar os outros e cada vez mais uma capacidade de se doar plenamente a uma pessoa, de maneira exclusiva e generosa» (Francisco, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, n. 265).

<sup>26</sup> «Neste contexto, lembro que Deus nos criou sexuados. Ele próprio “criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas”. Dentro da vocação para o matrimónio, devemos reconhecer, agradecidos, que “a sexualidade, o sexo, são um dom de Deus. Sem tabus. São um dom de Deus, um dom que o Senhor nos dá. E fá-lo com dois propósitos: amar-se e gerar vida. É uma paixão, é o amor apaixonado. O verdadeiro amor é apaixonado. O amor entre um homem e uma mulher, quando é apaixonado, leva-te a dar a vida para sempre. Sempre. E a dá-la com corpo e alma”». (Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*, n.º 261). «Os noivos são chamados a viver a castidade na continência. Eles farão, neste tempo de prova, a descoberta do respeito mútuo, a aprendizagem da fidelidade e da esperança de se receberem um ao outro de Deus. Reservarão para o tempo do matrimónio as manifestações de ternura específicas do amor conjugal. Ajudar-se-ão mutuamente a crescer na castidade» (*Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2350); «A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se dão um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é algo de puramente biológico, mas diz respeito à pessoa humana como tal, no que ela tem de mais íntimo. Esta só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integrante do amor com o qual o homem e a mulher se comprometem totalmente um para com o outro até à morte» (*Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2361).

» Nós criámos uma companhia não para afirmar uma amizade, mas para afirmar uma Presença, uma Presença que está *nesta* companhia». E depois – vê-se que ele fazia mesmo questão, como um pai, daquela correção – concluía dizendo-lhes: «Porque [...] estou-me nas tintas para a vossa companhia [assim entendida].<sup>27</sup> Ou seja, se a nossa companhia não transmite o “som dos passos” de Cristo, se a nossa companhia não transmite o rosto de Cristo, que é Aquele a quem peço para ser saciado, no fim de contas, o que é que eu faço com esta companhia? Um contributo descreve o surgimento da Sua Presença a partir de dentro, a partir da presença da companhia:<sup>28</sup> «Depois de várias experiências que me foram propostas, como o Tríduo, a ida a Roma, o Meeting, algo em mim mudou. Comecei a dar um rosto e um nome Àquele, com “A” maiúsculo, que me movia. Acima de tudo, o que mais me entusiasmava não era apenas reconhecê-l’O, mas começar a descobrir que podia tocá-l’O com a minha mão, vê-l’O com os meus próprios olhos».

Foi o que aconteceu à samaritana: começa a reconhecer naquela presença humana um olhar diferente sobre si mesma, diferente do olhar dos seus cinco maridos, um divino escondido no humano:<sup>29</sup> «Mas como é possível que este homem saiba de mim o que nem sequer me atrevo a admitir, ou seja, que andei toda a vida à procura do amor e ainda não o encontrei!». Então, um bichinho, um bichinho santo, começa a roê-la por dentro: «Mas não será que é mesmo Ele, por detrás desta aparência carnal, que é capaz de me dar daquela água viva? Não será na minha relação com Ele que posso começar a saciar a minha sede?». E por isso a samaritana pressiona Jesus com outra pergunta, muito diferente da “comercial” do início do diálogo: «Então, deixa-me perceber: onde é que eu devo adorar a Deus? No monte?», porque na altura havia também um “debate teológico” sobre o assunto: «Onde é que eu entro em relação com Deus? Onde é que eu vou buscar essa água? No cimo daquele monte ou no Templo de Jerusalém? Neste sítio ou naquele?».<sup>30</sup> E Jesus diz: «Mulher, acredita em mim: [e diz isto a cada um de nós], chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai [...]. Nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas chega a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai [lembrem-se disto!] em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai [cujas pegadas desejamos conhecer] pretende. Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade».<sup>31</sup>

Não é uma questão de lugar: quando estou na igreja adoro (retidão religiosa), quando estou fora da igreja não adoro (retidão de vida); quando estou na igreja, estou em relação com Deus e quando estou na escola não estou. Não é uma questão de lugar, mas de relação, de comunhão de vida, já não há o “sagrado” de um lado e o “profano” do outro, mas tudo é sagrado, tudo está na relação com Ele, a relação com o estudo e com a rapariga é uma relação sagrada!<sup>32</sup> Aqui está a coincidência entre fé e vida, a abolição do dualismo! Onde quer que eu esteja, de »

<sup>27</sup> L. Giussani, *Una presenza che cambia*, BUR, Milão 2004, pp. 12-13.

<sup>28</sup> «Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles» (Mt 18,20).

<sup>29</sup> «Sabes bem: / não consegues fazer uma coisa, estás cansado, / não consegues fazer mais. E de repente / encontras o olhar de alguém na multidão / – um olhar humano – / e é como se te aproximasses / de um divino escondido. / E tudo de repente se torna / mais simples» (A. Tarkovsky, do filme *Andrei Rublev*).

<sup>30</sup> Cf. Jo 4,19-20.

<sup>31</sup> Jo 4,21-24.

<sup>32</sup> «É verdade que até então, ou seja, até quando veio Jesus, os sacrifícios e os ritos religiosos por ordem do Senhor na história do povo hebreu deviam ser feitos no grande templo de Jerusalém. Mas desde que Jesus veio tudo foi explicado de modo claro e tudo se tornou mais simples; o verdadeiro lugar onde se adora Deus é o coração do homem; o coração do homem que o próprio Deus ilumina com o seu Espírito, fazendo-lhe perceber que Deus é tudo para ele, onde quer que esteja e em todas as suas ações. Por isso, se é justo que existam lugares onde a devoção para com o Senhor se possa exprimir de forma especial e de modo mais solene (como agora existem as igrejas), o homem pode reconhecer Deus, pode pensar n’Ele, pode oferecer-Lhe as suas ações, isto é, pode adorá-Lo, onde quer que se encontre e fazendo o que quer que seja» (L. Giussani, *Rezar*, Paulinas Editora, Lisboa 2019, Cap. 17).



» manhã, às 7h50, quando estou a rezar o *Angelus* com os meus amigos dos Liceus na escola, ou a rezar as *Laudes* fora da escola, e depois, duas horas mais tarde, quando estou na aula, ou quando estamos juntos no recreio, quando intervenho na aula porque ouço algo que choca com a verdade.<sup>33</sup> E depois quando vamos almoçar juntos. E depois, quando nos juntamos para estudar. E depois, quando nos ajudamos mutuamente a levar a sério as questões, as interrogações que a realidade quotidiana, com que esbarramos, nos suscita, quando vamos à caritativa. Ou seja, a fé – diz Jesus à samaritana – coincide com a vida, é a Vida da vida!<sup>34</sup> Quando estás a “abrir a porta” da circunstância em que estás a entrar, reza: «Faça-se em mim segundo a Tua palavra»,<sup>35</sup> esta circunstância está dentro da relação Contigo!<sup>36</sup> A nós parece-nos mais realista mudar as circunstâncias, mas é mais decisivo e real entrar na relação com Ele para viver essas circunstâncias! Jesus revela-lhe, portanto, uma verdade revolucionária, impensável: «Olha que o templo onde se adora a Deus, de que Deus faz a Sua morada, não é uma “zona delimitada”, não é Jerusalém nem o cimo do monte, mas o templo onde me deves adorar, onde eu venho morar, és tu! Tu és a minha morada, faço de ti a minha morada, como a Virgem Maria, tu és o Templo de Deus!».<sup>37</sup> São Paulo define precisamente assim o nosso corpo: «templo do Espírito Santo».<sup>38</sup> Deus tem sede da tua salvação e bate à porta do teu coração, como dissemos há pouco no *Angelus*, recordando as palavras daquela rapariga: «A escolha, a decisão para a existência de abrir o meu coração a Ele, foi a melhor escolha que fiz na vida». Então, os verdadeiros adoradores hão-de adorar Deus em espírito e verdade. «Sem o Espírito, Cristo está no passado, pois sem o Espírito, Cristo está vazio de Sua divindade. O Espírito é a energia divina com a qual Cristo penetra na história e chega até nós»,<sup>39</sup> o Espírito é aquela água viva que começa a jorrar dentro de ti e a inundar, desde as profundezas da pessoa, transbordando e abraçando a todos. “Em espírito e verdade”, isto é, pedindo e rezando para olhar para tudo segundo a Verdade, segundo a sua origem e o seu destino.

#### 4. Oração, Missa, confissão

Cada um de nós, desde o dia do nosso Batismo, renasceu para a filiação divina através do Espírito Santo.<sup>40</sup> Para que a água viva jorre em nós e através de nós, Jesus indicou-Se a Si »

<sup>33</sup> «Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 Cor 10,31).

<sup>34</sup> «Cristo embateu na minha vida, a minha vida embateu em Cristo precisamente para que eu aprendesse a perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *É a vida da minha vida, Cristo*. N’Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo o que em mim se move por amor às pessoas com as quais me colocou» (L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 87).

<sup>35</sup> «... é verdade que, aparentemente, um contexto novo e diferente pode tornar possível uma certa mudança interior. Mas a questão é a da relação com Deus. Que precisa de tempo. Isto é verdade e é preciso tocá-lo. A partir daí, a humanidade da caridade torna-se possível. Voltaremos a falar disto. Queria escrever-vos para me despedir de vós. Mi, 16-1-77» (AA.VV., *Maria Paola Piraccini*. Memor Domini, Editora Stiligraf, Cesena 2004, p. 43).

<sup>36</sup> «Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gl 2,19-20).

<sup>37</sup> «Tudo o que foi dito ganha existência num lugar não-lugar, num lugar espiritual, num lugar, porém, feito de terra, feito de carne, um lugar espiritual porque também feito de alma: é o *eu*. É no “eu” que ganha existência tudo o que foi dito» (L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l’uomo*, BUR, Milão 1995, p. 102).

<sup>38</sup> «Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo!» (1 Cor 6,19-20).

<sup>39</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, BUR, Milão 2018, p. 254.

<sup>40</sup> «O Santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito (“vitae spiritualis ianua” – porta da vida espiritual) e a porta que dá acesso aos outros sacramentos. Pelo Batismo somos libertos do pecado e regenerados como filhos de Deus: tornamo-nos membros de Cristo e somos incorporados na Igreja e tornados participantes na sua missão» (*Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1213).

» próprio (a Trindade!) como a fonte de onde nos devemos abastecer hoje, através dos “canais” da Graça:<sup>41</sup> só os refiro, depois terão a vida toda para os retomar, juntamente com os vossos adultos.

Primeiro. *A oração*, que – diz Santo Agostinho – começa com o teu desejo: «“Em tua presença estão todos os meus desejos”. Não diante dos homens, que não podem ver o coração, “mas em tua presença estão todos os meus desejos”. Esteja diante dele o teu desejo: e o Pai que vê o que está oculto, te recompensará. Teu desejo é tua oração; e se o desejo é contínuo, contínua é a oração. Com razão disse o Apóstolo: “Orando sem cessar”. Acaso sem interrupção dobramos os joelhos, prostramo-nos, ou levantamos as mãos, para que ele diga “Orai sem cessar?”. Ou se afirmamos que assim nós rezamos, penso que não podemos fazê-lo sem interrupção. Existe outra oração interior sem interrupção, que é o desejo. Seja o que for que faças, se desejas aquele sábado, não interrompes a oração. Se não queres interromper a oração, não cesses de desejar».<sup>42</sup> Cada aspeto da vida é digno de ser vivido na relação com o Pai, como um filho que se entrega todo nas diversas circunstâncias. *Don Gius* convidou-nos sempre a repetir uma oração “essencial”: *Veni Sancte Spiritus*, isto é, Espírito Santo entra em mim, toma a minha carne, *Veni per Mariam*, tal como Maria te disse o seu “Eis-me aqui”, que também To diga, usa-me também a mim.<sup>43</sup>

Segundo. *A Missa*.<sup>44</sup> Gostaria que não nos escapasse este pormenor da página do Evangelho de João, em que o evangelista relata o encontro entre Jesus e a Samaritana, observando que «era por volta do meio-dia»<sup>45</sup> e é também “quase meio-dia” quando Jesus está na cruz<sup>46</sup> e as palavras que diz com tristeza são: «Tenho sede».<sup>47</sup> Jesus, do alto da cruz, tem ainda um último e único desejo, tal como teve ao longo de toda a sua vida terrena: sede da salvação de Pedro, de João, de André, de Tomé, de Zaqueu, do paralítico, do cego de nascença, da samaritana, e agora continua a ter sede da nossa fé, portanto, da nossa salvação. E a Missa é precisamente isto: o sacrifício da Cruz que se torna presente no mistério da Eucaristia.<sup>48</sup> Quando está na cruz, o »

<sup>41</sup> «Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis, com os quais são celebrados os sacramentos, significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Eles dão fruto naqueles que os recebem com as disposições requeridas» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1131).

<sup>42</sup> Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos*, Salmo 37, 14.

<sup>43</sup> «Repitam esta fórmula todos os dias, em todas as horas, quando o Senhor vos escolhe para se fazer ouvir: é um momento em que tudo se liga e reconquista, tudo se torna misteriosamente uma só coisa, bela. *Veni Sancte Spiritus*, porque *Spiritus est Dominus, Spiritus est Deus* (Deus é Espírito, o Espírito é Deus). O Espírito é Deus, a quem pertencemos. Porque o Espírito é autoconsciência; e se a aplicarmos bem, ela faz-nos perceber: o homem percebe que pertence, que é pertença de Outro. É a pertença a uma Presença, a uma Presença, também aqui, misteriosa (misteriosa porque não é nossa, esta Presença, ao mesmo tempo não o é: porque, se é de uma outra fonte, não é da nossa fonte). “Vinde, Espírito Santo” em cada um dos meus atos, “Vinde, Espírito Santo” em cada momento meu» (L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., p. 226).

<sup>44</sup> «O gesto mais importante de toda a história do mundo é a morte e a ressurreição de Cristo. Na nossa vida, este gesto é o sacrifício da Missa. Ele deve estar no centro do nosso dia, deve ser importante, privilegiado, deve influenciar o nosso dia». «A mudança de personalidade não tem outro modelo senão o do gesto sacramental» (L. Giussani, *Dalla liturgia vissuta. Una testimonianza*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2016, pp. 33, 35).

<sup>45</sup> Jo 4,6.

<sup>46</sup> «Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. [Pilatos] disse então aos judeus: «Aqui está o vosso Rei!» E eles bradaram: “Fora! Fora! Crucifica-o!” [...] Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus. Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota, onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio» (Jo 19,14-18).

<sup>47</sup> «Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede”» (Jo 19,28).

<sup>48</sup> Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a Eucaristia é também um sacrifício. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: “Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós” e “este cálice é a Nova Aliança no meu Sangue, que vai ser derramado por vós” (Lc 22,19-20). Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que “derramou por muitos em remissão dos pecados [...]”. A Eucaristia é, pois, um sacrifício, porque representa (torna presente) o sacrifi-

» Seu lado é atravessado por uma lança de lá jorram «sangue e água», e quando o sacerdote celebra a Eucaristia, baixinho, *submissa voce*, enquanto deita o vinho e a água no cálice, diz precisamente isto, para si mesmo: «do lado aberto de Cristo saiu sangue e água»,<sup>49</sup> o sangue e o corpo de Cristo são-nos então dados, a nós que recebemos a Comunhão, Ele.<sup>50</sup> Na Missa, Cristo tem sede de te encontrar e de se dar a ti! Mas como posso desertar deste “encontro semanal”, ou mesmo quotidiano, com o Destino!?

Terceiro. *A confissão*. É comovente o que nos escreve esta rapariga: «Depois de um *Raggio*, falei um bocadinho com um amigo meu com quem está a nascer uma relação muito bonita. Na conversa com ele, surgiu um assunto “pesado”, em relação ao qual sempre tive dificuldade, sobre como viver as relações sem sufocar a outra pessoa, sem a ideia de posse. Sentia um peso gigante, um tijolo em cima de mim, quase não conseguia respirar de tanta vergonha que sentia de mim própria! [...] Então, recordando-me de uma frase que li no livro de Lagerkvist, *Barrabás* (“Entrego-Te a minha alma”), fui o mais depressa que pude a uma pequena igreja perto de casa e, depois de anos sem fazer, confessei-me. Finalmente, havia um sopro de alívio, que me acolhia, me puxava para cima, me salvava! O facto de poder confessar esta minha vergonha a esse mesmo Cristo, com quem estava a criar uma relação tão abrangente, levou-me a confessar-me, oferecendo-Lhe todo aquele esforço, porque queria confiar, partilhar a vergonha que sentia de mim com a Única Pessoa que aceitaria verdadeiramente tudo em mim, sem escândalo e sem cálculos. Confiar a minha vergonha ao meu Pai, e poder ser perdoado. Foi Cristo, o mesmo Cristo que se deixou pregar na cruz por mim, que me perdoou naquela confissão. Assim que saí, veio-me imediatamente à cabeça uma frase de *Il mio volto*, de Mascagni: «Porque tremes, meu coração? Tu não estás só / [...]. / Não sabes e és amado».<sup>51</sup> Como veem, Jesus tem em vista a sua salvação, não põe a samaritana entre a espada e a parede por causa dos seus cinco maridos, mas ajuda-a a repor a sua liberdade numa posição tal que ela possa aperceber-se e reler a sua vida a partir daquela sede de amor, daquela sede de verdade que sempre teve, e abraçá-la. É precisamente isto que acontece no sacramento da reconciliação, sermos tratado com verdade e misericórdia ao mesmo tempo: reconhece-se o pecado, abraça-se o pecador!<sup>52</sup> O Espírito Santo atua nos sacramentos, sinais visíveis da Graça invisível. Quanto mais mergulharmos nos sacramentos, quanto mais nos educarmos para reconhecer a Sua presença nos sacramentos, mais mudaremos e começaremos a discernir os sinais da Sua presença na vida quotidiana, mais entraremos no Mistério da realidade, e aprenderemos a amar o outro como sinal do Mistério.<sup>53</sup> »

cio da cruz» (*Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1365-1366).

<sup>49</sup> Cf. Rito da Missa para as Comunidades de Rito Ambrosiano.

<sup>50</sup> «Os sinais essenciais do sacramento eucarístico são o pão de trigo e o vinho da videira, sobre os quais é invocada a bênção do Espírito Santo, e o sacerdote pronuncia as palavras da consagração ditas por Jesus durante a última ceia: “Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós. [...] Este é o cálice do meu Sangue. Pela consagração, opera-se a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo. Sob as espécies consagradas do pão e do vinho, o próprio Cristo, vivo e glorioso, está presente de modo verdadeiro, real e substancial, com o seu corpo e o seu sangue, com a sua alma e a sua divindade” (*Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1412-1413).

<sup>51</sup> A. Mascagni, “Il mio volto”, em *Cancioneiro*, Soc. Coop. p. 274. “Mas Jesus perdoa *tudo*. Jesus perdoa *sempre*. Só nos pede que peçamos perdão. Certa vez ouvi uma velhinha sábia, uma avozinha, do povo... que dizia: “Jesus nunca se cansa de perdoar: somos nós que nos cansamos de pedir perdão”. Hoje peçamos ao Senhor a graça de não nos cansarmos. Todos nós enfrentamos sempre pequenos fracassos, grandes fracassos: cada um tem a sua história. Mas o Senhor está sempre à nossa espera, de braços abertos, e nunca se cansa de perdoar” (Francisco, *Homília de Quinta-feira Santa*, Prisão de Rebibbia, 28 de março de 2024).

<sup>52</sup> «Do mesmo modo, também nós, quando reconhecemos as nossas fraquezas, gostaríamos de ouvir a voz de Jesus repetindo o que dizia frequentemente aos que curava e aos que ia encontrando “Vai, os teus pecados são perdoados, não te condeno, não voltes a errar”. Mas estas palavras de Jesus penetram na história através do sacramento da *Confissão*: este é, literalmente, aquela palavra, aquele gesto de perdão de Cristo que se prolonga na história» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 234-235).

<sup>53</sup> Quando lhe perguntaram como nasceu o movimento, don Giussani respondeu: «Uma perspetiva de ação neste sentido surgiu-me há muitos anos, quando me aproximei de grupos de estudantes indiferentes ou já hostis

**» 5. Tratar tudo com verdade**

Dizíamos: «Os verdadeiros adoradores hão de adorar Deus em espírito e em verdade». Agora concentremo-nos neste “em verdade”, e comentemo-lo tendo presente a pergunta inicial: «O que significa concretamente amar o outro segundo o seu destino?». Significa amarmo-nos e tratarmos o outro com verdade, e a verdade é que eu e o outro estamos em relação com o destino, com o Mistério, com Cristo que nos dá o cêntuplo já aqui e nos espera no Paraíso. Então começamos a compreender que o amor está ligado ao caminharmos juntos em direção ao destino! Se não tivermos no coração a nossa salvação eterna, para onde é que estamos a ir?

E é por esta razão que oferecemos agora um exemplo muito concreto deste amor ao destino, “segundo a verdade”, deixando-nos tocar pelas histórias das raparigas pelas quais oferecemos a Missa ontem à noite: as suas mães ficaram em sofrimento com a separação das suas filhas, mas também comovidas com o que lhes aconteceu. Poderiam ter sido esmagadas pela dor da sua perda numa idade tão jovem, mas, em vez disso, esta relação, este ser «adoradores de Deus Pai em espírito e verdade», esta fé que coincide com a vida, introduziu um novo olhar naquela circunstância. Para o funeral de uma das duas raparigas, foi necessário fazer a celebração no estádio da cidade, estavam lá mais de duas mil pessoas por causa dela, porque para muitos foi evidente que ela e a sua maneira de viver a doença eram um sinal de Outro, era evidente que ela olhava para Outro durante a sua doença. De facto, durante a homilia, o sacerdote provocou os jovens presentes, dizendo: «Se estão aqui, é porque a vossa amiga vos ensinou alguma coisa, ou melhor, vos indicou alguém: Jesus Cristo. Por isso, não vivam este momento apenas numa forma emocional. A vida é uma coisa séria. Todas as manhãs somos obrigados a escolher entre um todo que acaba no nada e a vida que tem um objetivo».

A mãe da segunda rapariga, convidada a dar um testemunho, conta o que significou para ela, como mãe, acompanhar a filha até ao seu destino, olhar para aquela circunstância com verdade: o aparecimento da doença, os primeiros exames, os primeiros tratamentos, depois a sua ineficácia, as questões que se abrem... e ela, pouco a pouco, descobre-se a viver aquela circunstância dolorosa “em espírito e verdade”. Leio-vos alguns excertos da sua intervenção que confirmam o que estamos a dizer. De facto, logo no início do seu testemunho, esta mãe diz: «É o Senhor que envia o seu Espírito e isso muda tudo». Quer dizer: para não ficarmos esmagados pela “gaiola” do quotidiano, é necessário deixarmo-nos gerar por uma força externa, sobrenatural. Muitos terão certamente ficado desiludidos por eu ainda não ter feito nenhum desenho: este ano privaram-me do material informático, talvez por causa dos desenhos embaraçosos do ano passado! Mas um desenho que eu teria feito de bom grado seria o de um círculo: o círculo representaria o nosso mundo, dentro do qual nos sentimos um pouco enjaulados, feito de tramas de relações “biológicas”, de todas as circunstâncias que vivemos, etc. Só um ponto exterior a este círculo, ou seja, só Deus, nos permite sermos livres e não escravos dentro deste círculo, nos permite sermos livres e respirar aqui nesta terra (encontrarão isto no oitavo capítulo da »

---

à vida da Igreja, porque a ignoravam. Fiquei convencido de que, suscitando uma experiência de vida cristã, essa ignorância poderia ser quebrada [...]. Pedi então ao meu bispo para entrar na escola como professor de religião, mas com um ensino destinado a envolver as crianças fora do horário escolar. Para o fazer, não procurei meios de divulgação ou de cativar, mas propus simplesmente, por fidelidade à sua vida, que se envolvessem nos termos autênticos da tradição cristã em que nasceram. De facto, eu disse: “Não é leal para vocês continuar, ou pior, abandonar esta tradição, se não se comprometerem seriamente com os seus fatores autênticos” [...]. Neste sentido, esta agregação encontrou o seu ponto de apoio nos Sacramentos, por um lado, e na criatividade de um compromisso com os problemas da vida juvenil» (L. Giussani, “Risponde Don Luigi Giussani”, entrevista editada por Vito Magno, *Rogate Ergo*, n. 11/1976, p. 12). «A nossa mudança será proporcional à nossa capacidade de nos apoiarmos verdadeiramente neste fulcro sacramental, mesmo que continuemos a ser pecadores. Compreenderemos, sentiremos, faremos coisas fundamentalmente diferentes enquanto permanecermos pecadores. Porque Deus vence até o nosso mal através do maior sinal do seu poder: o perdão. Somos chamados a viver pela fé mesmo o nosso mal, o que significa aceitar o perdão de Deus. Assim não podemos ser detidos nem mesmo pelo nosso mal!». (L. Giussani, *Dalla liturgia vissuta...*, op. cit., p. 56).

» Escola de Comunidade).<sup>54</sup> De facto, esta mãe diz: «Com o Espírito, apenas invocando o Espírito, tudo muda. Tivemos de fixar o nosso olhar n'Ele. Muitas pessoas me perguntavam: “Mas como é que uma mãe consegue não ficar desesperada quando a sua filha está a morrer?”. E ela responde: «Mas como é que uma mãe pode ficar desesperada quando sabe que a sua filha está a saborear a plenitude e a felicidade eterna do Paraíso?». E depois acrescenta: «Só soube isto no funeral: uma pessoa muito próxima da minha filha confessou-me que ela já há um mês lhe dizia que esperava gozar o Paraíso, ela sabia-o, não nos disse nada e não ficou particularmente agitada; aí percebi ainda mais que a sua vida estava completa, que tinha completado o seu percurso nesta terra e que desejava ver Deus». Ao contrário da noite passada, esta mãe continua: «No fundo, é isto o amor, é isto o amor. No fundo, nós, mães, com a graça de Deus, trazemos os nossos filhos ao mundo para que, por fim, eles possam conhecer Cristo e chegar a Ele [...]; eu chamaria a isto uma amizade para toda a vida».

O pai desta rapariga, no mesmo testemunho com a sua mulher, fala de uma mensagem que um sacerdote amigo lhe enviou, com a imagem da *Pietà* de Miguel Ângelo: a Virgem Maria que segura entre os seus braços o corpo do filho dilacerado, acabado de descer da cruz. Por baixo da imagem, o seguinte comentário: «A alegria desta mãe está toda em saber que este filho veio do céu, [pertence ao céu!], está destinado ao céu e, portanto, está entregue em boas mãos». Cá está, amar o outro como sinal do mistério: o outro vem de Deus, na terra “é nosso – mas não é nosso”, o seu destino é o Céu. Agora vamos ouvir duas canções que nos acompanham antes da última passagem. *Nel silenzio della notte*: «No silêncio do meu coração / uma voz disse: amor / No silêncio dos meus dias uma voz chamou-me».<sup>55</sup> E a *Ballata dell'amore vero*: «Eu amo-te / e agradeço-o a Deus, / que me dá a ternura, / que me dá a força, / que me dá a liberdade, que eu não tenho».<sup>56</sup>

## 6. Um encontro que se dilata

Recomendo vivamente que comprem e leiam a *Tracce* de março intitulada «Amare ancora», pois contém vários testemunhos de como é possível viver amando-se segundo o destino, na verdade.

Então, retomemos: o que é que acontece à samaritana depois daquele encontro, depois daquele diálogo com Jesus? Diante da presença daquele homem, aquela mulher analisou, compreendeu a verdadeira natureza da sede do seu coração, sede de um amor infinito, do Pai amoroso que a criou.<sup>57</sup> E quando descobriu isto, o que é que faz? «Disse-lhe a mulher: “Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas”. Jesus respondeu-lhe: “Sou eu, que estou a falar contigo” [...]. Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquela gente: “Vinde ver um homem que me disse tudo o »

<sup>54</sup> «Se o homem nascesse totalmente apenas da biologia do pai e da mãe, instante breve em que o fluxo de inúmeras reações anteriores produz este fruto efêmero; se o homem fosse só isto, seria realmente ridícula, cinicamente ridícula, a palavra “liberdade”, a expressão “direitos do homem”, a própria palavra “pessoa”. A liberdade assim sem fundamento é *flatus vocis*, um mero som que o vento dispersa. Só num caso este ponto que é o homem singular, é livre de todo o mundo, é livre, e o mundo inteiro não pode obriga-lo; num só caso esta imagem de homem livre é explicável: se supusermos que esse ponto não é totalmente constituído pela biologia do pai e da mãe, mas possui alguma coisa que não deriva da tradição biológica dos seus antecedentes mecânicos, mas que seja *relação direta com o infinito*, relação direta com a *origem* de todo o fluxo do Mundo, de todo o “círculo” com aquele misterioso X que está por cima do fluxo da realidade [...], isto é, com Deus» (L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 124).

<sup>55</sup> A. Mascagni, “Nel silenzio della notte”.

<sup>56</sup> C. Chieffo, “Ballata dell'amore vero”, in *Cancioneiro*, op. cit., p. 252.

<sup>57</sup> «Já sai da mão daquele que a deseja / antes de ser, e como menininha / que a chorar e a rir brincando esteja, / sem saber nada, simples uma alminha, / salvo tê-la movido ledo autor, / e a ele de bom torna asinha. / Primeiro a pouco bem sente o sabor; / aqui se engana e já atrás dele corre, / se guia ou freio não lhe vira o amor» (Dante Alighieri, *Divina Comédia, Purgatório*, canto XVI, vv. 85-93).

» que eu fiz! Não será Ele o Messias?» Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus [...]. Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: “Ele disse-me tudo o que eu fiz”. Por isso, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-Lhe que ficasse com eles. E ficou lá dois dias. Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: “Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo”». <sup>58</sup>

Dá-se uma transição: do juízo humano – «Ele disse-me tudo o que eu fiz» – para o juízo da fé – «É Ele que me fala, Ele é o Salvador do mundo!». <sup>59</sup> O que faz então a samaritana? Larga o cântaro, ou seja, larga aquele instrumento, agora inútil, com o qual tirava a água do poço que não lhe saciava a sede, e corre, corre para a aldeia. Ela que não queria encontrar ninguém! Ela que conhecia muito bem a sua própria história e se tinha deixado condicionar pelo que os outros pensavam dela, ela que inventava estratégias para evitar qualquer pessoa! Mas a sua alegria não se consegue conter, a água da fé (como lhe disse Jesus) começa a jorrar nela e dela, de tal modo que corre para os seus “conterrâneos”: «Este compreendeu-me, “leu-me por dentro”, compreendeu-me mais do que os meus cinco maridos, amou-me com um amor eterno e fiel; porque, apesar das minhas traições e infidelidades, estava ali sentado à beira do poço à minha espera, à minha espera!». Ela apercebe-se de que a forma como vivia anteriormente não a levava a lado nenhum, «convém-te outra viagem», dizíamos nós ontem! E quando reconhece que Jesus é o Salvador do mundo («Eu sou!»), nasce por Ele uma afeição, um laço, uma comunhão com Ele, de onde nasce o ímpeto de partilhar com todos!

Não nos esqueçamos do texto de *don* Giussani que retomámos no início desta manhã: «Esta é a humanidade nova que, através de cada um de nós, deve espalhar-se pelo mundo», uma alegria de coração que floresce no rosto da samaritana. E os outros apercebem-se de que algo lhe aconteceu: «Mas como? Não era esta a dos cinco maridos, a que nos “driblava” para não encontrar ninguém? Mas o que é que lhe aconteceu?». Agora é dela que brota a água viva, gerando comunhão, amizade, missão. Do reconhecimento do facto de que o Salvador está presente, de que Cristo está presente, do reconhecimento de que a nossa amizade é o lugar onde se manifesta a Sua presença, desse reconhecimento nasce a amizade, nascem relações novas, renovadas, feitas novas. Como é concreto este contributo de uma de vocês: «Quando descubro que em alguém há a mesma tensão na origem, o mesmo fogo, de repente algo em mim se alegra. Como se tivesse dentro do coração uma peça de puzzle e finalmente encontrasse outra que encaixa perfeitamente. Aconteceu-me nos últimos tempos: numa passagem de ano no lago, durante os *raggi* comunitários e, sobretudo, no coro. Aquela correspondência tem um efeito revolucionário, alimenta o fogo e, conseqüentemente, alimenta exponencialmente a gratidão. Porquê? Porque percebi que há alguém que partilha comigo o mesmo caminho em direção a essa origem, a esse destino. Caminhamos juntos». Então, por causa das palavras da Samaritana, outros voltam-se para Jesus, vão ter com Ele e perguntam-lhe se pode ficar com eles durante alguns dias, para que também eles possam usufruir daquele Amor que chegou à Samaritana, e Ele fica com eles durante dois dias! É o mesmo que acontece connosco: em pequenos, acreditamos confiando nas palavras dos pais e dos adultos, agora somos nós que queremos perceber e entrar em relação com Ele para as verificar e fazer nossas. Vejam o movimento que se gera!

*Don* Gius diz que o que domina na comunhão, na verdadeira amizade, é Ele, não uma pretensão sobre o outro: <sup>60</sup> «A verdadeira amizade é aquela que te lembra o pensamento da grande »

<sup>58</sup> Jo 4:25-26, 28-30, 39-42.

<sup>59</sup> «É esta a fé, tornada possível pela iniciativa do próprio Cristo ali diante dele, à qual o cego de nascença aderiu. Sem este último passo de reconhecimento, não é ainda fé, pelo menos segundo o *proprium* do nosso carisma. Giussani repetiu-o incessantemente: a fé é reconhecer uma Presença, a presença de Cristo» (D. Properi, “A fé, realização da razão”, supl. a *Passos*, n. 4/2023, p. 9).

<sup>60</sup> «Mas o que é a amizade? A amizade, no seu nível mínimo, é o encontro de uma pessoa com outra pessoa cujo

» Presença de Cristo, de modo a que preencha o mais possível o seu tempo. Por isso, os que andavam com Cristo juntaram-se entre si, e nem sequer se conheciam, mas tornaram-se amigos». <sup>61</sup> O que mais ajuda numa amizade é «a consciência do destino [...]»: uma consciência clara do destino, o amor ao destino. Se perdemos de vista o destino, então enganamo-nos. Todos, cem por cento das pessoas, vivem assim. Estejamos atentos, porque também nós vivemos assim. [...] O destino da vida não é aquilo que nós queremos, é o mistério de Deus, a consciência do Mistério, a consciência do destino» <sup>62</sup> que aprendemos a chamar Cristo, que promete o cêntuplo já aqui e a vida eterna, o paraíso, como aquela mãe com a sua filha. Na amizade com o destino descobre-se, então, o gosto e a razoabilidade do seguimento: «É porque levei a sério a minha vida, que te digo: “Olha, por favor, que isto é importante para a tua vida. Se tu me seguires, percebes”». Se seguirem, se estiverem dispostos a seguir, certamente compreenderão, mas se alguém “ligar o motor do carro” e ao mesmo tempo “mantiver o travão de mão puxado”, não se mexe, fica ali! «Olha, por favor», e vais perceber: isto é realmente uma revolução, porque nós pensamos que somos “submissos” quando seguimos, mas, pelo contrário, é aí que a maturidade consciente começa: «Se me seguires, perceberás; e então, depois, seguir-te-ás a ti próprio; seguires-me é como seguires-te a ti próprio, somos amigos». <sup>63</sup> O verdadeiro seguimento é uma amizade. A verdadeira obediência é uma amizade. «À medida que o vais percebendo, já não dependes de quem to diz. À medida que te vão dizendo as coisas, quem to disse é como se se tornasse uma só coisa contigo: segues-te a ti próprio. No limite, a forma extrema de obediência é seguir a descoberta de si próprio à luz da palavra e do exemplo de um outro, sem a qual tatearias na escuridão, ou viverias como um animal». <sup>64</sup> Esta comunhão, esta amizade é fecunda e dilata-se, pelo que o último ponto desta manhã é o da missão.

A missão: «Temos de levar a toda a parte esta nova humanidade pela qual o homem ama o homem». Numa intervenção sua, *don* Giussani descreve como é que o carisma se difundiu: «O movimento, durante muitos anos, não tinha mestres nem sacerdotes, e estabeleceu-se em várias regiões de Itália e até no Brasil unicamente por causa dos jovens envolvidos neste processo de cristianização do mundo, por causa daquele fenómeno cultural que se acendera neles e se desenvolvera neles [como a samaritana: encontrou a fé e aquela fé começou a jorrar, acendeu-a a ela e depois acendeu outros]. Temos de voltar a ser assim. Um dos aspetos do esquematismo a que confiámos a nossa esperança é que são os adultos que fazem tudo». <sup>65</sup> Um dos presentes está aqui por iniciativa de outro, porque alguém tomou a peito o seu destino: «Há um ano, fui “massacrado” pelos convites da minha irmã para participar no Tríduo dos Liceus. Já conhecia os Liceus antes, mas depois, por várias razões, tinha-o considerado completamente inútil. Ela continuava a não me largar. Deve ter-me pedido pelo menos umas 50 vezes para ir ao Tríduo, embora as minhas respostas iniciais fossem sempre um “não” categórico e desdenhoso. Mas ela continuava a insistir, de tal modo que eu não pude fazer outra coisa senão aceitar a sua proposta. Porquê? Fiquei tão cativado pelo seu desejo de comunicar toda a beleza que tinha visto que quis vê-la também, quis ver a mesma beleza que ela tinha visto. O último Tríduo pôs esta beleza à minha frente. Algo que eu queria evitar totalmente [como a samaritana!] e que pensava que não podia existir, estava ali [podia ser o Tríduo, ou uma noite de cantos da nossa história na vossa comunidade, ou vermos um filme juntos, o Meeting, um encontro »

---

destino deseja mais do que a própria vida: eu desejo o teu destino mais do que desejo a minha vida. O outro, em agradecimento, deseja o meu destino mais do que a sua própria vida» (L. Giussani, *É possível assim*. Vol. I, *Fé*, p. 137).

<sup>61</sup> L. Giussani, *É possível assim*. Vol. I, *Fé*, op. cit., pp.57-58.

<sup>62</sup> *Ibid*, p. 77.

<sup>63</sup> *Ibid*, p. 128.

<sup>64</sup> *Ivi*, p. 128.

<sup>65</sup> L. Giussani, *Il rischio educativo. Come creazione di personalità e di storia*, SEI, Turim 1995, p. 89.

» de finalistas, um *raggio*, uma tentativa de estar presentes na vossa escola...], à minha frente: a forma de cantar, de estar em silêncio no autocarro, de rezar e de ouvir eram totalmente diferentes da forma como eu pensava que podia ser feito. Os jovens com quem trocava olhares tinham aquele mesmo desejo de verdade que eu tinha perdido, mas que se reacendia em mim mais ardentemente do que nunca. Naquele momento, senti-me amado, verdadeiramente amado com “um Amor eterno”. Aquele Amor dominou-me de tal forma que não pude fazer mais nada senão confiar-me a ele». Pois bem, a missão é levar a peito o destino do outro. Na Via-Sacra, ouvimos esta mesma frase «tomar a peito o meu destino», *gere curam mei finis!*<sup>66</sup> Deus tomou a peito o nosso destino, de tal modo que encarnou e nasceu a Igreja. Portanto: comunhão, amizade e missão!

Para concluir, passamos agora um vídeo de *don* Gius! Não sei quantos de vós já o viram, talvez nenhum. Agora vamos apreciá-lo em toda a sua avassaladora impetuosidade!

### **Don Giussani**

«A fé é como uma grande hipótese de trabalho que nos vem da tradição. Mas se faltar o trabalho da experiência, fica num nível puramente abstrato e traduz-se apenas em rituais ou preocupações moralistas, ao passo que a fé é a vida, é uma forma de conceber e sentir a vida. E esta é a nossa tarefa suprema: não a de ser pai e mãe, não a de ser jornalista ou engenheiro, não a de ser militar ou operário, não a de ser vitorioso nas eleições ou escravo dos senhores. Não é isso: a nossa tarefa é a de difundir a grande mensagem de Cristo no mundo. Foi-me dado o dom da fé para o dar aos outros, para o comunicar. Foi-nos dado o dom da fé para que o possamos dar aos outros, para que o comuniquemos e, sobre isso será julgada a nossa vida. Que o homem conheça Cristo, que a humanidade conheça Cristo: é esta a tarefa daqueles que são chamados, é esta a tarefa do povo de Deus: a missão».<sup>67</sup>

<sup>66</sup> W.A. Mozart, *Confutatis*, em *Requiem em Ré menor para solistas, coro e orquestra*, K 626.

<sup>67</sup> Vídeo – Don Luigi Giussani, [Il pensiero, i discorsi, la fede](#) (do minuto 36.10 ao minuto 37.50), *clonline*.